

ATUALIDADE

Ministro pede «paciência» aos algarvios

Pedro Marques veio à cerimónia de assinatura da Infraestruturas de Portugal com a Associação de Municípios da Rota da EN2. Trouxe uma rotunda nova para anunciar, mas acabou por ter de dar explicações sobre o caos na EN125

Bruno Filipe Pires | bruno.pires@barlaveno.pt

A intenção até era boa. Uma nova rotunda num conhecido ponto problemático da EN2, no cruzamento para Estoi, além do entusiasmo de um grupo de autarcas «apaixonados» pela via que atravessa o interior do país. Mas tão pouco a apresentação da prova de Ciclismo Ride Across Portugal entusiasma quem se deslocou à sede da Infraestruturas de Portugal, em Faro, na quarta-feira, 24 de maio. Pedro Marques, ministro do Planeamento e das Infraestruturas, acabou por ter de dar explicações sobre o estado de caos que se instalou praticamente em toda a EN125. «Contamos que as obras estejam substancialmente concluídas até ao final de julho, como é nossa intenção e como tinha sido anunciado. As obras conheceram as evoluções que foram infelizmente sentidas pelos algarvios ao longo dos últimos anos, fruto

das indecisões relativamente à negociação com a concessionária. As obras até Olhão estão agora no terreno, porque chegámos a acordo com a concessão. E depois disso, havemos de lançar um conjunto de obras relativas a pontos negros da EN125, de Olhão até à fronteira, como a questão do atravessamento urbano e da Praia Verde», prometeu o governante. «São obras que queremos depois desenvolver rapidamente, depois da conclusão final da negociação com os bancos. Mas as obras estão no terreno e estarão concluídas até ao verão», prometeu, mais uma vez, Pedro Marques. Confrontado pelos jornalistas pelo facto que alguns troços da EN125 são um pandemónio, e que nesta altura de pré-época alta é muito difícil conduzir nesta via, o governante esclareceu que não estão previstos novos descontos na A22 (Via do

Infante), tal como aconteceu no ano passado. Em alternativa, o ministro pediu «paciência» aos algarvios. «Sabe que as pessoas que fazem essas propostas agora estiveram a governar há uns anos. E quando fizeram algumas obras na EN125, menos impactantes, é certo, também não suspenderam as portagens. Eu compreendo que há zonas onde é realmente difícil a circulação neste momento, mas é por uma boa razão. Daqui por um mês e pouco, essas obras estarão concluídas. A circulação na EN125 será melhorada, será normalizada em relação à situação anterior. Eu peço às pessoas um pouco mais de paciência, mas estamos a fazer obras importantes para a circulação no Algarve, para a segurança das populações. Não temos condições para suspender agora portagens», disse. Por fim, o ministro esclareceu que também não haverá reduções nas portagens, à semelhança do que aconte-



Bruno Filipe Pires

ceu no ano passado, pois o governo dá essa promessa como cumprida.

João Vasconcelos, deputado eleito pelo Bloco de Esquerda e principal ativista contra as portagens na A22, ouvido pelo «barlaveno» considera que «o senhor ministro só pediu paciência, porque não vive cá no Algarve. Se vivesse, se calhar, nem usava essas palavras. Tendo em conta o sofrimento que os algarvios têm passado nos últimos tempos».

«Ainda por cima, as obras que estão a ser feitas na EN125 parece que têm, talvez, alguns erros de palmatória, porque em reta põem-se traços contínuos que são um sufo para as pessoas. Parece

que é para as obrigar a irem para a Via do Infante», ironizou.

O parlamentar recomendou a Pedro Marques que observe os últimos dados da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária. «O ano passado, houve 10241 acidentes. Este ano, neste momento, já devemos ir com quase 4000 sinistros no Algarve, grande parte na EN125, portanto mesmo quando estiver requalificada, e isso está a comprovar-se, esta estrada nunca representará uma alternativa à Via do Infante». «Para não falar nos gastos, nos milhões que o Estado está a pagar à concessionária que é um valor entre 30 a 40 mi-

lhões de euros por ano, mesmo com pagamento das portagens. Agora se fizer contas aos acidentes, ao sofrimento, às despesas para o Serviço Nacional de Saúde são milhões e milhões de prejuízo», acrescentou. João Vasconcelos disse ainda ao «barlaveno» que «as Parcerias Público Privadas são um dos principais cancros no nosso país. Temos que começar por algum lado. O Algarve é uma zona turística. A Via do Infante foi paga maioritariamente com dinheiros da Comunidade Europeia, com fundos comunitários, portanto é uma luta que continuaremos. Hei-de continuar, enquanto poder, a batalhar contra as portagens», prometeu.

Saúde «choca» Passos Coelho em Faro

No âmbito das Jornadas Parlamentares que começaram na terça-feira, 30 de maio, Pedro Passos Coelho e os deputados social-democratas realizaram 15 visitas a diversas entidades e instituições, no sentido de averiguarem quais as reais necessidades da região. Durante a passagem pelo Centro Hospitalar do Algarve (CHA), em Faro, o ex-primeiro-ministro disse ter encontrado uma realidade que «choca bastante com a retórica que se vem fazendo sobre o investimento no

Sistema Nacional de Saúde», lembrando que «precisamos de melhorar com realismo e não com demagogia». O líder do PSD não poupou críticas ao governo, sublinhando em nota enviada à imprensa, que há «falta de recursos, de investimento, tempos de espera a aumentar, dificuldades em dar resposta às solicitações, sobretudo em cirurgia e em outras especialidades em falta». «São cada vez mais as pessoas que precisam de se deslocar ao privado para ter o que, até há

bem pouco tempo, tinham na área pública», criticou. Pedro Passos Coelho reforçou que a criação do CHA [decidida pelo seu executivo] foi «uma boa decisão», até porque não há indicações de que «o governo queira voltar atrás». Por fim, acusou o atual executivo de não considerar o Algarve uma prioridade. «Não aceitamos que o governo tenha incluído a construção de hospitais no Orçamento para 2017 e que, até à data, isso não tenha saído do papel».



OPINIÃO Manuel da Luz

Sinais dos Tempos

Em finais de abril, o padre Mário de Sousa, responsável pela paróquia de Portimão, viu homologada a sua eleição como presidente da direção da Associação Bíblica Portuguesa (ABP) - de que, aliás, este jornal se fez eco, há poucos dias, em notícia pertinente. A ABP é uma associação de biblistas,

sediada na Universidade Católica, que tem por objetivo, entre outros, a tradução, estudo e divulgação da Bíblia e a sua estreita ligação à cultura. O padre Mário é especialista, doutorado em Teologia Bíblica. Aproveito para lhe endereçar os meus parabéns!

Em abril, por iniciativa da

Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes (departamento de Filosofia), com o apoio municipal, Portimão foi brindada por uma conferência do prof. Frederico Lourenço a propósito de «Bíblia, História e Filosofia». Frederico Lourenço é um intelectual e investigador (da Universidade de Coimbra

que se diz não-crente, mas que se declara fascinado pela figura de Jesus de Nazaré e pela versão grega da Bíblia de que é tradutor reconhecidamente qualificado - para ele, o texto bíblico pode ser lido «como o texto mais fascinante alguma vez escrito».

Em maio, o país recebeu o Papa Francisco, que veio deixar o desafio de uma esperança exigente, generosa e comprometida; quis estar próximo de todos, crentes e não-crentes; exigiu mais aos seus (uma Igreja pobre de meios e rica no amor e que não queira

ser uma esperança abortada).

Os três eventos, de dimensão desigual, ocorreram numa proximidade temporal curiosa que me desafiou a procurar-lhes possíveis relações de sentido. Antes de mais, o património religioso é um elemento fundante, estruturante da história da cultura europeia; nascemos e ainda hoje vivemos num espaço de matriz cultural, religiosa e humanista, em resultado da herança judaico-cristã - conforme reconhece o Tratado da Constituição para a Europa. Impõe-se, por outro

lado, uma constatação: o déficit cultural que separa o povo português dos povos do norte da Europa tem também a ver com o abandono da leitura dos clássicos e, designadamente, com a ausência pre-conceituosa da leitura do texto bíblico - os povos de influência luterana e calvinista estão habituados à normalidade da leitura da Bíblia. Por fim, e a propósito, a mensagem do Papa Francisco pede uma mobilização geral contra a indiferença e reclama cidadãos de mente aberta - também na cultura.